

Trajetória de uma estudante com deficiência no ensino superior

Higor Luiz Miguel¹
Adair Mendes Nacarato²

Resumo

Este texto é recorte de uma pesquisa de mestrado em andamento que tem como foco trajetórias de estudantes com deficiência no Ensino Superior. Tem como objetivo identificar os desafios e superações enfrentadas por uma estudante durante o curso de Fisioterapia. A pesquisa é de abordagem qualitativa, do tipo interpretativo, e contou com a entrevista narrativa como instrumento de produção de dados. Ancora-se na perspectiva histórico-cultural e nos estudos narrativo-biográficos (Lev Vigotski; Franco Ferrarotti, Fritz Schütze, dentre outros). Trata-se de uma estudante com Distrofia amiotrófica de Leber (no momento, com baixa visão). A análise centra-se no seu ingresso no curso, revelando os apoios institucionais, bem como dos colegas e professores, o que possibilita sua permanência na universidade.

Palavras-chave: Acesso e permanência ao ensino superior; Deficiência; Trajetórias de formação.

1. Introdução

Ao longo da história, a pessoa com deficiência fez parte de um grupo minoritário marcado pela exclusão e discriminação, ou seja, não era considerada apta a participar ativamente de uma vida social plena como as demais pessoas consideradas como “normais”.

Nesse sentido, Glat (2006, p.23) ressalva que:

[...] os indivíduos desviantes, que por alguma razão, não conseguem se adaptar às normas ou valores da cultura vigente em sua comunidade – que não sobrevivem, portanto, à “seleção social” – são considerados (anormais), e, conseqüentemente, isolados e marginalizados.

As pessoas com deficiência fazem parte de um grupo de excluídos e marginalizados que, historicamente, lutaram para terem seus direitos positivados. Mas, não basta apenas que o direito esteja escrito, é necessária uma mudança sistêmica e cultural para que exista, de fato, uma sociedade inclusiva.

Com o advento do Estatuto da Pessoa com Deficiência (Brasil, 2015), buscou-se ampliar o olhar a respeito da inclusão das pessoas com deficiência nas diversas áreas sociais, dentre elas, a educação. Nesse sentido, as instituições públicas e privadas

¹ Estudante de mestrado do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação - Universidade São Francisco, higor.miguel@usf.edu.br.

² Professora do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação – Universidade São Francisco, adair.nacarato@usf.edu.br.

iniciaram um processo de reforma sistêmica, a fim de cumprir a legislação vigente e acolher esses estudantes em suas diversas necessidades.

Em se tratando do Ensino Superior, modalidade de ensino que historicamente foi marcado por desigualdades, após o marco legal mencionado percebeu-se um aumento significativo de pessoas com deficiência buscando ingresso à referida modalidade de ensino. Nesse sentido, as universidades tiveram que se adequar à nova realidade e reformular toda sua estrutura física e pedagógica, a fim de atender a esse público de maneira equitativa e inclusiva.

A escolha do tema se deu, sobretudo, pela minha própria vivência como colaborador de uma instituição de Ensino Superior, desenvolvendo meu trabalho em um núcleo de atenção ao estudante que, dentre outras coisas, atua diretamente com as questões da deficiência e inclusão na universidade. Em meio as legislações, garantias de direito e diversas demandas específicas, me deparei com pessoas que carregam histórias, marcas, vivências e experiências pessoais, que por vezes, foram silenciadas.

Os participantes da pesquisa são cinco estudantes com deficiência do Ensino Superior da Universidade São Francisco, assistidos por um núcleo específico chamado NAEPE – Núcleo de Atenção Educacional e Psicológica para Estudantes, que dentre outros trabalhos desenvolvidos, trabalha diretamente com as questões de acessibilidade, inclusão e equidade na comunidade acadêmica. Eles foram convidados a partir dos cursos de graduação e semestres distintos a fim de conhecer diferentes contextos e histórias a partir de um mesmo eixo norteador: a deficiência. Para este recorte selecionamos a trajetória na universidade de uma estudante do curso de Fisioterapia, com deficiência visual decorrente da Distrofia amiotrófica de Leber.

O presente recorte tem como objetivo identificar os desafios e superações enfrentadas por uma estudante durante o curso de Fisioterapia.

2. O percurso metodológico da pesquisa

A ideia da presente pesquisa surgiu a partir das minhas vivências pessoais e profissionais. Pessoais no sentido de ter crescido em um ambiente de pessoas menos favorecidas e com poucas possibilidades de estudo, além de ser apresentado à pesquisa e ao método durante a iniciação científica e, profissionais no sentido de atuar diretamente com as pessoas com deficiência no âmbito acadêmico, o que despertou uma inquietação em relação a conhecer mais a fundo as histórias, desejos e perfis desse público em relação ao Ensino Superior.

A pesquisa possui abordagem qualitativa (Flick, 2009), apoia-se na perspectiva histórico-cultural e tangencia os estudos biográficos (Ferrarotti, 2010). As pesquisas com o método biográfico pressupõem uma abordagem qualitativa, do tipo interpretativa, visto que o pesquisador precisa atribuir sentidos às experiências narradas pelos sujeitos.

Trata-se de uma abordagem em que os sujeitos da pesquisa não são apenas indivíduos isolados, mas fazem parte de um contexto social e histórico, fazendo com que suas histórias se entrecruzem com as demais, inclusive do pesquisador, oportunizando uma análise mais profunda.

Ainda sob esse viés, a pesquisa ancora-se na perspectiva histórico-cultural, em que o ser social se desenvolve a partir do momento histórico e cultural em que está inserido, portanto, um ser histórico-social (Freitas, Camargo e Monteiro, 2023). A aproximação da temática estudada com a perspectiva histórico-cultural é de grande valia para a compreensão da constituição dos estudantes entrevistados, uma vez que os mesmos são pessoas com deficiência e estão inseridos em um contexto histórico, cultural e social.

Os dados da pesquisa foram produzidos por meio de entrevista narrativa (Schütze, 2011; Jovchelovitch e Bauer, 2005). As entrevistas foram audiogravadas e transcritas; a transcrição foi devolvida aos sujeitos para aprovação e posterior utilização dos dados na análise. É importante ressaltar que o projeto foi aprovado pela coordenação do NAEPE e pelo Comitê de Ética da Universidade São Francisco³.

Os participantes da pesquisa são estudantes com deficiência do Ensino Superior da Universidade São Francisco, assistidos por um núcleo específico chamado NAEPE – Núcleo de Atenção Educacional e Psicológica para Estudantes, que dentre outros trabalhos desenvolvidos, trabalha diretamente com as questões de acessibilidade, inclusão e equidade na comunidade acadêmica. Foram entrevistados cinco estudantes, de cursos de graduação e semestres distintos a fim de conhecer diferentes contextos e histórias a partir de um mesmo eixo norteador: a deficiência.

Para este recorte selecionamos a história de Vitória, uma estudante de 23 anos que está em fase de conclusão do curso de Fisioterapia. A entrevista com Vitória (pseudônimo) foi realizada no dia 05 de março de 2025, com duração de 1h22min, via *Google meet*.

³ CAAE nº83641324.6.0000.5541

3. A trajetória de Vitória no Ensino Superior

Vitória, assim como sua irmã, tiveram diagnóstico de sua deficiência desde criança, uma condição oftalmológica rara e hereditária, que leva a uma perda progressiva da visão. Ela relata que, quando a família se mudou da capital para o interior do estado de São Paulo, a primeira dificuldade foi encontrar uma escola que aceitasse as duas irmãs. Foram inseridas numa escola privada, na qual permaneceu toda sua educação básica. Ela narra todos os desafios enfrentados, em decorrência da pouca visão e a dificuldade de reconhecer cores; mas sempre teve o apoio da escola e dos professores.

No momento da escolha do curso superior viu-se limitada a estudar em uma instituição na sua própria cidade, visto não ter condições de sobreviver sozinha; no caso, havia apenas a Universidade São Francisco. Já tinha decidido sua área de interesse, ou seja, a área da saúde. Dentre as opções, escolheu Fisioterapia e conseguiu uma bolsa institucional.

Ao ingressar na universidade, o primeiro desafio foi a adaptação do curso para que Vitória pudesse acompanhá-lo; após várias reuniões com coordenação de curso, com o núcleo que dá atendimento a esses estudantes e a família, ela iniciou o curso com uma assistente, que também cursava Fisioterapia, em período oposto e que pode acompanhá-la até o final do curso. No excerto a seguir, Vitória narra parte de sua vivência no curso:

muita aula prática, por exemplo na Neuroanatomia são peças anatômicas muito pequenas, aí tinha a agulha com o número num negócio que eu não enxergava de jeito nenhum, aí eu falava “Lari, pelo amor de Deus, não consigo enxergar”, aí ela falava com os professores que já tinham sido professores dela e falava “olha a Vi não consegue enxergar isso, isso ela não consegue ver a cor”, porque tinha coisa que tinha cor para ajudar e ela falava “Olha, ela não consegue” aí como ela já sabia ela falava “Vi, era isso isso, isso, isso, assim, assim, assado, os professores vinham e falavam “olha Vi, aqui é assim, assim, assado” também. Então foi muito mais inclusivo, pois ela [a assistente Lari] já sabia todo o processo. Em todas as aulas da Anatomia eu tinha um pouco de dificuldade porque principalmente a neuroanatomia tem peças muito pequenas então o que a gente falou “olha, vamos assinar um termo de responsabilidade, a universidade, você e os professores, a gente assina um termo e você tira foto das peças para você poder estudar; aí eu tirava foto e as fotos ficavam em um drive comigo e com a Lari, não tinha acesso de mais ninguém, me ajudaram muito porque eu conseguia num notebook ver e conseguia ver em casa, conseguia ampliar com o celular, então eu consegui me adaptar.

Essa narrativa de Vitória nos remete à importância de termos a perspectiva histórico-cultural como apoio teórico, visto que a defectologia foi objeto de estudo de Lev Vigotski, que teceu críticas às teorias psicológicas existentes na época, sobretudo, as que possuíam um caráter biológico, em que a pessoa é vista apenas a partir de um padrão de

desenvolvimento. Para ele, as relações sociais e o meio são determinantes para um olhar para a pessoa com deficiência que vá além do biológico. Segundo ele (Vigotski, 2011, p.869):

O olhar tradicional partia da ideia de que o defeito significa menos, falha, deficiência, limita e estreita o desenvolvimento da criança, o qual era caracterizado, antes de mais nada, pelo ângulo da perda dessa ou daquela função. Toda a psicologia da criança anormal foi construída, em geral, pelo método da subtração das funções perdidas em relação à psicologia da criança normal.

A partir desta abordagem, a deficiência é vista como uma condição relacional, social e histórica, em que o significado e impacto dependem das interações entre o sujeito e o meio em que está inserido, não sendo compreendida como um modelo biológico individual e médico. Vitória nos mostra o quanto o apoio recebido e a parceria com a Lari foram condições para que ela conseguisse permanecer no curso.

Em outro momento da sua narrativa, ela nos conta sobre outro desafio enfrentado e superado: como acompanhar os slides que os professores utilizavam em suas aulas; ela não conseguia enxergar. Foi mais um processo de negociação: conseguiu autorização para gravar as aulas e receber os slides dos professores.

Nesse último semestre eu adquiri um tablet para as aulas, então o professor mandava como sempre os slides, a gente fazia a gravação da aula no gravador com a Lari, eu ia acompanhando pelo tablet. Isso foi mil vezes melhor porque eu conseguia já ver o que professor estava mostrando, conseguia ler a informação que estava ali, o que ele falava; mas se eu precisasse, eu já conseguia escrever. Então a gravação só foi um algo a mais, mas eu não precisei porque eu conseguia escrever já no arquivo, então quando eu precisasse estudar eu só pegar a gravação e se eu precisasse de alguma outra informação, era só abrir o arquivo e já estavam todas as informações que o professor tinha passado e as minhas anotações. Então não precisava ver a aula tudo de novo.

Vigotski (1933/2018, p.90), ao discutir o papel do meio ressalta o quanto ele é fonte de desenvolvimento das “características e qualidades especificamente humanas” e “Elas existem em cada homem pelo fato de ele ser membro de um grupo social, de ser uma unidade histórica que vive numa determinada época e em determinadas condições históricas”. Assim, falar em meio na teoria histórico-cultural vai muito além de falar do espaço em sua forma isolada, mas sim em seu contexto amplo. Nesse sentido, o meio no qual Vitória vai encontrando seus caminhos durante o curso, sempre com o apoio de outros, seja da Lari, seja dos professores.

Em outro momento da narrativa de Vitória, ela nos conta como foram os desafios ao iniciar a parte prática do curso; a primeira aula era de eletro, na qual os alunos programam os aparelhos.

Era uma coisa que eu sempre tive vontade porque, apesar de odiar fazer eletro quando eu era paciente da fisio, a minha vontade era de aprender e conseguir colocar; “não eu quero aprender, quero fazer, dar meu jeito” e falei “não, vai dar certo”. Cheguei na primeira aula e na hora que eu fui pegar no aparelho eu não enxergava! Aquela aula me bateu porque era uma coisa que eu queria muito, então, chega lá e não consegui fazer nada, foi muito frustrante, naquele dia eu falei assim “não, eu acho que eu vou querer desistir, como é que eu vou fazer? não vai dar certo”. A Lari conversou comigo, o professor conversou comigo, meus colegas conversaram comigo “não, vai dar certo, a gente vai se adaptar de alguma forma, a gente vai fazer funcionar”.

Na sequência ela narra como foi o processo de adaptação do aparelho, como o trabalho em grupo era feito de modo colaborativo, pois ela detinha a parte teórica para ajudar os colegas, que realizavam a parte mais prática. Outra dificuldade relatada por ela foi com relação às cores, visto que ela só enxerga em tons de preto e branco. Essa também foi uma dificuldade superada com a ajuda de todos. *“Aí eu falei “então tá bom” aí conversaram bastante comigo “vamos continuar” aí eu continuei, não desisti, fui me adaptando conforme dava. Aí não tive muita dificuldade no resto do semestre”.*

Retomando os estudos de Vigotski sobre o papel do meio no desenvolvimento da criança, podemos transpô-lo para o desenvolvimento do adulto:

Então o meio, a situação de alguma forma influencia a criança [o adulto], norteia o seu desenvolvimento. Mas a criança [o adulto] e seu desenvolvimento se modificam, tornam-se outros. E não apenas a criança [o adulto] se modifica, modifica-se também a atitude do meio para com ela [ele], e esse mesmo meio começa a influenciar a mesma criança [o mesmo adulto] de uma nova maneira. *Esse é um entender dinâmico e relativo do meio* - é o que de mais importante se deve extrair quando se fala sobre o meio na pedologia. Então concordemos que é importante estudar a relação com o meio, concordemos que se a relação é diferente, o meio influencia de maneira diferente.

Vitória, diante de suas limitações foi requerendo que adaptações fossem realizadas no cotidiano do curso. Essas adaptações, ao mesmo tempo que contribuíram para o próprio desenvolvimento de Vitória, trouxe contribuições para o desenvolvimento de todos que estavam à sua volta; foi produzido conhecimentos que pudessem contribuir para que ela não desistisse do curso. Constata-se que, em momento algum, Vitória deixou de ser comprometida com o curso; sempre atuou de forma colaborativa com os colegas quando realizavam trabalhos em grupo.

4. Considerações finais

O Estatuto da Pessoa com Deficiência, sem dúvida, foi um marco no que se refere aos direitos da pessoa com deficiência. A história de Vitória nos mostra que não basta o direito ao acesso; as instituições de Ensino Superior precisam criar condições estruturais e humanas para que os estudantes com deficiência que ingressam na universidade tenham condições de nela permanecerem e concluírem o curso. A acessibilidade e permanência do estudante com deficiência é uma construção coletiva e sempre inacabada, visto que, a cada ano, novos desafios são impostos.

A história de Vitória, como o próprio nome por ela escolhido, é uma trajetória vitoriosa, visto que ela, mesmo diante das adversidades, conseguiu superá-las, sempre contando com apoio institucional e dos colegas.

Referências

FERRAROTTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. *In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). O método (auto) biográfico e a formação*. Natal, RN: UFRN; São Paulo: Paulus, 2010, p. 31-57.

FREITAS, Ana Paula.; CAMARGO, Evani A.; MONTEIRO, Maria InêsB. Os saberes pedagógicos e a educação de alunos com deficiência: contribuições da teoria histórico-cultural. **Revista Imagens da Educação**, Marília, v. 13, n. 2, p. 148-166, 2023. DOI: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v13i2.65604>

GLAT, Rosana. **A integração social dos portadores de deficiência: uma reflexão**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2006.

JOVCHELOVITCH, Sandra; BAUER, Martin W. Entrevista narrativa. *In: BAUER, M.W.; GASKELL, G. (orgs.). Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*, 2005, p. 90-113.

SCHÜTZE, Fritz. Pesquisa biográfica e entrevista narrativa. *In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (Org.). Metodologias da pesquisa qualitativa em educação: teoria e prática*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 210-222.

VIGOTSKI. L.S. **7 aulas de Vigotski**. Trad.: PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth. 1.ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2018.

VIGOTSKI. L.S. **Problemas da defectologia**. Trad.: PRESTES, Zoia; TUNES, Elizabeth 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2021

VIGOTSKI. L.S. Quarta aula: a questão do meio na pedagogia. Dossiê Vigotski. **Psicologia**. USP 21 (4). 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400003>